

## Zeferino Fagundes, um Poeta

Walmir Ayala

O Rio Grande do Sul não se deu conta que perdeu, em 1989, um de seus melhores poetas. Zeferino Fagundes, era seu nome. Morreu depressa e sem estardalhaço, vítima de uma operação mal convallescida. Eu diria que se deixou morrer. Conheci-o na década de 40, quando éramos colegas de ginásio no colégio Rosário. Ele era um menino sério e tímido que eu escandalizava com minhas pequenas licenças juvenis, e que me acompanhava com fervor na descoberta dos poetas, da música, do teatro, liderados os dois por outro amigo insuperável, Newton Pacheco. Eu hoje posso dizer, sem medo de errar, que a minha universidade de fantasia e imaginação delirante cursei na casa do Zeferino. Passava lá todas as tardes. Dona Alice, a mãe dele, gostava da juventude que a rodeava, desde que ficara viúva. Dava-nos uma atenção incomum, coisa que nas nossas casas absolutamente não existia. Tocava numa sanfona uma rancheira chamada O macaco da Vizinha, para que dançassemos, e uma prima do Zeferino, chamada Jade, era meu par constante. Ela era pálida, de profundos olhos escuros, muito delicada, e personificava bem a musa com a qual qualquer poeta sonharia. Dona Alice organizava chás muito especiais. Lembro-me de um no qual "tudo era azul, o atalhado, as taças" -- este o primeiro verso do soneto que escrevi a respeito, e que se perdeu no tempo. Até o bolo era azul. Havia a Maria Velhinho, uma espécie de bruxa convertida, muito magra e feia, a voz esganiçada, e que se identificava com a nossa adolescência, apesar de ter quase o triplo de nós em idade. Havia o Pavão, um jovem compenetrado e nervoso, que um dia me encheu de fúria quando declarou que Libertad Lamarque cantava miando. Ele disputava comigo as atenções de Jade. Éramos muito felizes, inocentemente felizes. Num quarto sombrio havia um personagem que particularmente me apaixonava, era a tia Dorsila. Envelhecera solteira e vivia reclusa, pintava-se exageradamente, e só recebia à meia luz, com óculos escuros, uma espécie de Greta Garbo só nossa, contaminando o nosso espanto. Dorsila um dia se suicidou, e cresceu ainda mais na nossa memória eletrizada. Eu escrevi poemas sem parar. Zeferino era então apenas meu leitor, o primeiro geralmente, e a poesia, naquela pequena sociedade, era como um ofício de encantamento que todos praticavam com devoção.

Crescemos juntos. Eu enveredei por um curso de Filosofia, incompleto e Zeferino formou-se em Direito. Ao tornar-se adulto continuou excêntrico. Vestia-se como um velho advogado. Paletó, colete, e mais tarde um charuto

insuportável. Falava solenemente, amava medalhas e condecorações, inventou de fundar uma Academia de Letras no qual nos colocou meio na marra - e como negar a tal amigo qualquer solidariedade, por mais incrível que fosse? Saí de Porto Alegre e então nos escrevíamos, e nos víamos duas ou três vezes por ano. Zeferino assumiu cargo de importância na Universidade do Rio Grande do Sul. Sua vida particular tinha pouco a ver com o estilo Zeferinesco (assim nos referíamos) de seus textos acadêmicos e profissionais. Fundou em Tapes um museu com meu nome, um museu sem sede, apenas no documento. Assim está até hoje. Era de uma fidelidade monstruosa à amizade, sobretudo à nossa mitologia particular, curtida de todas as fascinantes descobertas da adolescência. Sua mãe envelhecia, e ele mantinha em volta dela um clima de festa decadente, mistura de escritório de Juiz e sala de baile do império. Tinha umas empregadas muito loucas. Num Natal uma delas entrou embebedada na sala, derrubando no chão o belo peru assado, que foi repostado na mesa e consumido sem restrições. Desde sempre, e por isto eu o admirava especialmente, mantinha perto de si o Osorinho, um irmão com deficiência mental. Muito antes de Nise da Silveira ele praticou este exercício de amor para com aquele doente. Osorinho andava pela sala vestindo um pijama riscadinho e tocando, um violino desafinado a Meditação da Ópera Thais. Fumava desbragadamente e furtava às escondidas restos de vinho nos copos dos convivas. Todos nos acostumamos com Osorinho, que quase não falava, e não representava nenhuma ameaça em qualquer sentido. Dona Alice morreu, Zeferino morreu, onde estará o Osorinho neste momento? Zeferino continuou cometendo loucuras fascinantes, como um casamento de última hora, e o perfilhar de um aguçado adulto que ele inventou pelas veredas da vida. Sua figura era ímpar. Os ternos impecáveis como já disse. O colete, a cabeleira hirsuta, uma costeleta cobrindo parcialmente o rosto, e um olhar vivo, limpo, amoroso, sublinhado por um sorriso infantil, sempre maravilhado com as possíveis descobertas. Guardamos, em comum, este gosto pela palhaçada, juntamente com uma consciência viva do sofrimento. Quando me visitou, nos últimos anos, apaixonou-se pela minha vida, pela minha desorganização doméstica. Dedicou poemas a quase todos os meus conviventes. Chegou a me imitar em algumas coisas, como no uso de roupas extravagantes, uns quimonos simples trazidos do Japão, com os quais eu costumava receber as visitas de menos cerimônia, por confortáveis e bonitos. Quando fui visitá-lo numa das últimas vezes, ele me recebeu com uma imitação gaúcha do corte oriental, e nos rimos muito.

O mais grave e admirável disso tudo foi o surgimento da poesia do Zeferino, esta criatura da qual tentei esboçar acima um retrato apressado. Nunca imaginei que ele, sendo tão perfeitamente um personagem, conseguisse assumir tal altura de autor.

Zeferino Fagundes (Zeferino Paulo Freitas Fagundes) publicou dois livros de poesia em vida: *Ode anacreôntica* e *Diário de Bordo*. O último dividiu com Olga Savary e Lucia Aizim o Prêmio "Olavo Bilac", da Academia Brasileira de Letras, em 1983. Pela originalidade, pelo avançado conceito de

modernidade que nos revela, merecia ter ganho sozinho. Como epílogo deste livro, o autor relacionava os títulos de seus inéditos. Não me furto ao prazer de transcrever alguns títulos dos de poesia, por fascinantes: Nésperas, Setembro Finda, Matéria da Vida, Esse teu vaso pálpito, Antiquário, Anti elegia, Metade pássaro, Coração rara flor, Poemas domésticos. E muitos outros. Onde estará este acervo de inéditos? Muitos deles podem ter sido apenas projetos, mas se vermos revelados cinquenta por cento do que nos prometia, Zeferino Fagundes será certamente o fenômeno mais espantoso das letras sul-rio-grandenses em sua geração, e possivelmente de muitas que o antecederam. Por tudo o que eu disse até agora, é impossível adivinhar o que a poética Fagundiana nos ofereceu, em sinais tão discretos de presença. Sua poesia é o contrário de toda a solenidade pretendida por Zeferino Fagundes, seu amor à hierarquia, aos valores consagrados da cultura e da ciência. Em 1978 eu escrevi para o prefácio de Ode anacreônica: "A surpreendente poesia de Z. P. F. F. marca um acento inteiramente novo na poesia gaúcha de hoje. Em primeiro lugar nos traz um espírito cimentado em sólida cultura, sem fazer disso um alcapão para a nitidez da poesia, mas manipulando com graça, humor e ironia, seus saberes. Acima de tudo uma noção iluminada de modernidade, alicerçada em águas clássicas, das quais retira, como substrato, uma sólida estrutura". Como poeta Fagundes se desnudava, no melhor sentido. A liberdade metafórica, o ritmo tumultuário e alógico do canto, a magia, tangem desde o início seus poemas: "O mármore da mesa, branca lua,/ colhe os pássaros no ar". Desenhava com breves traços uma paisagem, sempre humanizada. Tinha neste exercício a pureza da linha perfeita, sintetizando o instante: "Teus dedos ferem a marmórea tecla/ da gota de sangue, sobre o alguidar:/ sobre o bastidor. Mas Hermínia esquecida/borda cântaros e caca-tuas,/entre junquinhos, madressilvas e camélias,/ nos confins de Santa Tereza./O bonde passa./ A noite cai". Nesta linearidade lírica aponta o imprevisto "Parecia a lua/ mas é a CREFISUL", um poema inteiro, um poema piada impregnado de trágica denúncia. A partir daí saltamos de uma tentação simbolista para uma visão urbana que vai se acentuar em muitos poemas que se seguirão, credenciando o poeta a ser um legítimo intérprete da era do rock, do neón, da embriaguez fosforescente.

Ligando os delírios consequentes de um homem maduro voltado para o drama da visão mais imediato, perfeitos poemas de amor: "É apalpando a matéria,/ o sumarento sumo,/ o corpo/ da matéria palpável,/ que eu amo". Nesta declaração de antitranscendência, entrego o ouro real e pragmático de sua descoberta do amor, e diga-se de passagem que nele o homem encontrou o amor em idade madura, a liberdade do amor, o que está explícito no segundo poema do primeiro livro: "Até que um dia/descubram o pássaro e seu ninho,/por tantos anos ocultos,/ como o amor em meu coração". Ao descobrir tardiamente o amor, depois de uma longa hibernação platônica e intangível do prodígio, sua sinceridade aderiu à certeza da carne, como âncora visível da nova liberdade.

*Esvaziado de conceitos, além de preconceitos,  
o conviva não recusado lê as Relações Naturais  
ou as Perigosas,  
pensando na música de Choderlos de Laclos.*

*Um espelho veneziano parte-se em mil;  
com seus versículos de arco-íris farei a Wouvelle Proposition,  
a moderníssima proposta, a multi-colagem espaço-gráfica  
com que concorrerei à Bienal interplanetária de Aurus,  
O planeta-piloto da Nova Civilização:*

*até lá, talvez consiga a ventura suprema  
de abstrair a palavra.*

Neste poema Fagundes assume uma vanguarda que seria radical, não fosse tão enraizada num humanismo arrebatador. Insere no discurso "Moderníssima proposta", e aspira, nada menos do que, a "abstrair a palavra", usando como arma decisiva a própria palavra. Na página seguinte suspira num único verso:

*Mas como somos primitivos.*

Este verso é todo o poema, eco do anterior. Um eco que contradiz para melhor explicar a verdade que o poeta equilibra como ponte do possível, jamais do terminal. Os dois pólos da contingência existencial ficam sendo assim a decisão da vanguarda e a fatalidade primitiva.

Eu tomo dois poemas de Ode anacreônica, Despedida (p. 29) e Sarau no Au (p. 33) para exemplificar as ousadias verbais que se permitia como um mágico iludindo a própria mágica, tirando da cartola, em vez do esperado coelho, escaravelhos e boninas, "Paronde vou?", indaga provocando a eclipse que a fala vulgar consagra; usa adiante um tempo raro de verbo e registra no verso a explicação, "Onde teu ouro não alarde (verbo irregular)". Atrevidamente inclui reticências, à maneira antiga. Adiante escreve "O bosque olorava", logo em seguida faz malabarismos "depois daquele Sarau / (Sara o áu/s-rlve o áu)/O meu cão/ cá sem pluma/e sem pena/voa em sonho...". Olha a reticência de novo, e a provocação a João Cabral. Vamos ao parágrafo versal seguinte, que vale a pena transcrever tal como está na página:

*Diga a palavra Melange,  
disse a tia.  
— bem francesa,*

*escondido o l e o ange  
— redonda melancia.*

Lendo este verso parece-me vê-lo rindo entre dentes, atrás da porta. Mas vejamos mais: "A escola de samba nem sa que de si far,/condecorada, à la française,/ com o Nobel do subúrbio". A universalidade presente desta poesia, a revisão de valores e frivolidades, valores da frivolidade, é uma constante. Antigos verso que inventávamos na adolescência, muito seriamente, se alternam com versos inesquecíveis de marchas carnavalescas, com memórias de crachás musicais dos anos dourados, sobretudo ironia:

*Se eu fosse  
um poeta concreto  
que bom que era,  
Aurora.*

O espaço de sua vida porto-alegrense vai sendo decifrado pela gordura cultural perfeitamente digerida. "Não, no parque não há animais,/ só fantasmas e mártires, com Sá Carneiro/ entre eles,/e Oscar Wilde no Cárcere de Reading,/ Professor Moacir Santana,/e do alto do obelisco acéfalo Guilhermino Cesar murmura:/ "poesia datada, um depoimento aos amigos". Vejam um pouco antes a beleza ficcional destes versos: "As gêmeas olham, confusas,/com bucles e permanentes de 1940,/ e as bocas mais vermelhas que o comum da Paisagem". Na resolução do soneto Fórmulas, fico sem saber se o faz por não saber fazer ou por saber fazer demais, de tal forma a irregularidade métrica e fonética, a irreverência formal, eu diria até subversão, se coadunam numa continuidade perfeita e íntegra, como se os 14 versos fossem uma unidade inconspícua. Uma lição sem dúvida aos que sucumbem à tentação do soneto sem o mínimo arsenal de defesa. Os versos seguintes, em poemas cristalinos, brotam curtos, irônicos sempre, invadidos de uma melancólica poesia, como se o poeta embriagado juntasse seus bilhetes surrados com nomes, datas, atos e fatos. Perfumes, estilismo, TV, cinema, Caravelas, Pasárgada, Transamazônica, latinismo, contracenam como bilros na execução da renda. E de repente define mordazmente, sofridamente, o poema:

*O poema  
não é palácio onde a Anciã plange impertérrita  
o seu plano,  
quatro horas por dia,  
perdida a conta dos anos. Poesia é solidão/  
e ardor e anseio intraduzível e loucura e,  
o suor do rosto,  
apenas um acaso, raro e desprezível  
(como um rato)*

A sua apetência para o plano visual torna-se ardente no soneto dedicado a Manabu Mabe, mais precisamente à abstração enquanto linguagem. E os esboços, escorsos, croquis deliberados em poemas inteiros. Vinhetas

que sangram. Rédea curta e permanente da palavra em ideal velocidade. Vejam:

*Imaginários bois levando  
o farelo das horas  
E numa carreta de rodas cantantes  
parece que vai a nossa Esperança,  
por um caminho entre flores-do-mato.*

No livro *Diário de bordo* (1985) as anotações são pretendidamente ligeiras. Mas jamais ligeiras como se poderia pensar tivessem sido as de Manuel Bandeira, em suas livres confissões cotidianas, ou em muita coisa rápida assinada por Drummond, e em cujos âmbitos perpassa a mais pura poesia. Vejam (leiam):

*Galinha com arroz tão antigamente e vinho  
com água  
As mãos de minha mãe  
a alma de minha mãe  
a voz de minha mãe  
Os gestos de minha mãe comandando com indomável energia  
para o bem.  
Volta, minha mãe,  
que o mundo sem ti nem é.*

Um dos prazeres de Zeferino Fagundes é inserir os poetas no poeta que ele é. Poetas que marcaram sua vida, que ele parafraseia com rara competência, como no caso do clássico soneto de Alceu Wamosy, *Duas almas*. Diz Wamosy:

*Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada,  
entra, e, sob este teto encontrarás carinho;  
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,  
vives sozinha sempre, e nunca foste amada...  
A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,  
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.*

Entra, ao menos até que as curvas do caminho se banhem no esplendor nascente da alvorada.

Interrompi aqui este grande soneto para transcrever a resposta de Zeferino Fagundes, com seu verso libérrimo:

*Um dia cansarás de alheios braços  
e eu estarei aqui  
sabendo quanto pensaste em mim  
na alegria e na dor  
na pobreza e na riqueza  
Então por fim me pedirás abrigo  
e para sempre dormirás  
em nosso ninho.*

Este espelhamento tem um acento mórbido. O pedido de abrigo é uma redenção, e o sono é perpétuo. Mas o que permanece é o fio da ressonância, construída sobre pólos tão diversos, em dicção e harmonia. Esta apropriação histórica da poesia consiste numa verdadeira seara de cantos dissimulados, enredados, cúmplices e revisados, num gosto cristalino pelo conhecimento, o que em sua poética rescende a sabedoria.

Assim, na poesia, Zeferino Fagundes ( que se assinava Zeferino Paulo Freitas Fagundes, e que eu insisto em chamar simplesmente de Zeferino Fagundes; e que admitia ser chamado de dr. e de professor) começa a ser cada dia mais moço. Mais moço em cada página destes dois preciosos livros que nos deixou. Mesmo sua morte foi uma encenação discreta e fugaz. Eu disse no princípio que se tratava de uma cirurgia mal tratada. Na verdade um câncer que ele escondeu depois de uma cirurgia denunciadora. Nos driblou. Chorou comigo ao telefone quando morreu meu filho. Escreveu uma carta que ficou sem assinar, pois morreria desesseis dias depois. Acho que agora ele começa a viver noutra dimensão, embora o meu afeto exija que não tivesse morrido. Ah, quem sou eu, este que se levanta contra a parede de vidro da morte, com uma pretensiosa voz de protesto, com um gládio de luz que nem move as pétalas, muito menos a asa do eterno. Tudo que eu escrevi aqui é uma instigação, um pedido a que laboratórios mais adestrados compareçam a esta revisão urgente, para revelação de uma dos mais altos nomes da poesia gaúcha, em toda a sua história.

WALMIR AYALA

Rio de Janeiro, novembro de 90